

A SECA: RELAÇÕES INTERTEXTUAIS E DIÁLOGOS POSSÍVEIS EM 100 ANOS

Avanúzia Ferreira Matias | avatias@bol.com.br

Larissa Naiara Souza de Almeida | larissa-1901@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A história da seca no Brasil tem seus primeiros registros logo após o seu descobrimento pelos portugueses, por volta de 1559. De acordo com Guerra (1981), o primeiro registro de seca no Nordeste aparece no livro *História de companhia de Jesus do Brasil*, do Padre Serafim Leite. Mesmo a seca sendo um fenômeno que afetou os índios, não tinha muitos impactos socioambientais, porque o pouco número de habitantes e a abundância de recursos naturais minimizavam seus efeitos (GUERRA, 1981). Somente a partir do século XVIII começaram a ocorrer as secas de maiores gravidades.

Aproximadamente entre 1723 e 1727, a região Nordeste tem sua primeira grande seca, que atingiu principalmente a área onde ficava a Capitania de Pernambuco. Neste período, enfrentou-se a primeira grande estiagem, que ocasionou a fuga de muitos índios para outros locais. Além da seca, uma peste assolou a região no mesmo período, causando uma enorme mortalidade nas populações mais vulneráveis, principalmente os escravos.

Entre 1776 e 1778 o fenômeno se repete, agora combinado com um surto de varíola. A taxa de mortalidade foi altíssima, atacando pessoas e animais, principalmente o gado. Para amenizar as perdas, a Corte Portuguesa repartiu as terras próximas aos rios entre os povos flagelados.

A seca que ocorreu entre 1877 e 1879 atingiu todo o Nordeste, especialmente o estado do Ceará, e causou a morte de pelo menos 500 mil pessoas. Neste período 120 mil nordestinos fugiram para a Amazônia e 68 mil partiram para outros estados brasileiros. Nesta época, o Imperador do Brasil, D. Pedro II, visitou o Nordeste e, aparentemente comovido pela tragédia, prometeu vender até a última joia da Coroa para amenizar o problema. Infelizmente não houve uma ação para solucionar a problemática da seca, e o número de vítimas continuou aumentando a cada novo período de estiagem.

Tempos depois, já no século XIX, no ano de 1915, uma nova ocorrência do fenômeno assolou o sertão nordestino. Como das outras vezes, a nova seca fez com que muitos

nordestinos tentassem migrar para as grandes cidades, entretanto, desta vez o diferencial em relação às outras secas foi o fato de o governo cearense, representado pelo governador Benjamin Liberato Barroso, ter construído campos de concentração, denominados currais humanos, onde retirantes eram aprisionados e vigiados 24 horas por dia por soldados do exército para impedir que ficassem transitando desordenadamente pela cidade de Fortaleza, onde havia uma classe burguesa em ascensão descontente com tal “invasão”.

O PERÍODO DO NOSSO RECORTE

O período ao qual vamos nos referir está compreendido no íterim entre 1915 e 2015, ou seja, a reflexão produzida neste artigo é baseada nos 100 anos de seca. As fontes históricas revelam que em 1915 ocorreu a primeira terrível seca do Nordeste. Este foi um fenômeno catastrófico, não apenas pela escassez de alimentos, pela morte dos animais, pela luta para manter-se vivo, mas, acima de tudo, porque as vítimas dessa seca tiveram que enfrentar um segundo drama: a falta de apoio somada à falta de liberdade, ocasionada pela desastrosa ideia de aprisioná-los em uma área restrita. A seca do 15, como ficou conhecida, foi muito massacrante; isso motivou a escritora Rachel de Queiroz a escrever seu primeiro e mais famoso romance, *O Quinze*, a partir de fatos que marcaram este drama.

A ideia de manter muitas pessoas num terreno de aproximadamente 500 metros quadrados na localidade de Alagadiço, onde hoje estão os bairros São Gerardo e Otávio Bonfim, não funcionou, pois além de as casas serem pequenas e amontoadas umas às outras, o número de retirantes aumentou muito, algo em torno de 8 mil pessoas, e mantê-los ali com boas condições de higiene e alimentação tornou-se impossível. Foram tantos óbitos que os cadáveres ficavam empilhados, por não haver como transportar tantos corpos em um curto espaço de tempo para um local onde pudessem ser enterrados. Foi nesta época que o governo ofereceu bilhetes de passagem gratuitos para todas as pessoas que aceitassem ir trabalhar nos seringais da Floresta Amazônica, e muitas aceitaram.

Em 1932 outra grande seca assolou o sertão nordestino, fazendo com que, novamente, centenas de pessoas migrassem para os centros urbanos. Este é de fato um absurdo, pois, sabendo-se das catastróficas consequências desse fenômeno, nem o governo federal, nem os governos estaduais preocuparam-se em planejar estratégias para amenizar os efeitos da seca.

Desta vez houve uma ampliação dos campos de concentração pelo interior do Ceará. Agora os nordestinos amontoavam-se não apenas no campo de concentração do Otávio Bomfim, mas também em novos currais humanos criados nos municípios de Senador Pompeu, Ipu, Quixeramobim, Cariús e Crato.

Entre 1934 e 1936 houve outra seca violenta, uma das maiores do Brasil. Nesta época a estiagem estendeu-se por todo o Nordeste, Minas Gerais e São Paulo. Foi neste período que a seca deixou de ser um problema do Nordeste e passou a ser um problema nacional.

A seca de 1963 também atingiu o Nordeste e os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Distrito Federal. Até a Amazônia sofreu com falta de chuva. Além disso, o calor forte atingiu quase todo o país. Já a seca de 1979 estendeu-se até o ano de 1985, foi a seca mais prolongada do Nordeste. A estiagem causou muita fome, desnutrição, perda de lavouras, morte de animais e, além disso, muitos armazéns foram saqueados por pessoas famintas à procura de alimento. Estima-se que 3,5 milhões de pessoas morreram.

No final da década de 90, entre 1997 e 1999, em mais um episódio de seca, 5 milhões de pessoas em todo o Nordeste sofreram novamente com a fome, perda de lavouras, morte de animais. Neste período a falta de água foi tão crítica que na cidade de Recife a água encanada só era disponibilizada uma vez por semana.

Durante a seca de 2001, ainda sem se recuperar da seca anterior, o rio São Francisco sofreu com a pior falta de chuva de sua história, o que ocasionou a diminuição severa do volume de suas águas. Para tornar a situação ainda mais dramática, a falta de chuva em todo o Brasil colaborou para a pior crise energética que o país já viveu, fato ocasionado pela estiagem prolongada e pela falta de investimentos no setor de energia.

Em 2007, o estado de Minas Gerais também sofreu com as consequências da seca. Entre os meses de março e novembro não choveu nada, e a estiagem continuou em 2008. No total, foram 15 meses de estiagem que resultou em, aproximadamente, 54 mil focos de incêndio e 190 mil mortes de cabeças de gado. Centenas de municípios decretaram estado de emergência.

Segundo a Secretaria Estadual do Desenvolvimento Agrário do Ceará, a seca de 2012 ocasionou a morte de milhares de cabeças de gado em todo o estado do Ceará em decorrência da estiagem no decorrer do ano. Em 2013, o agravamento desse fenômeno levou a região

Nordeste a ter recorde de municípios em situação de emergência. As consequências da estiagem prolongada, considerada a mais intensa dos últimos 50 anos, preocupa pela pouca reserva de água, que é de baixa qualidade, não recomendada para o consumo humano. O agravamento estendeu-se pela região Sudeste, levando o estado de São Paulo a sofrer um rigoroso racionamento de água em 2014 e, devido a esse agravamento, ainda não existe, neste ano de 2015, uma situação confortável no tocante ao armazenamento de água que atenda à demanda da população brasileira.

INTERTEXTUALIDADE E DIALOGISMO

Após essa breve recapitulação dos anos de reincidência de seca no Brasil, pretendemos explicar como faremos o diálogo entre vários gêneros textuais que tratam do mesmo assunto, porém sob perspectivas diferentes.

Primeiramente, de acordo com Bakhtin (1992), os textos mantêm relações intertextuais com outros textos, portanto é relevante esclarecer com qual conceito de intertextualidade estamos trabalhando.

O conceito de intertextualidade defendido por Bazerman (2007) e no qual nos apoiamos para a análise desse trabalho foi utilizado, a princípio, por Júlia Kristeva em um trabalho de teoria literária intitulado *Desire in language: a semiotic approach to literature and art*¹⁶⁷, em 1966. Neste trabalho, a autora caracteriza a produtividade textual a partir do conceito de dialogismo criado por Bakhtin, inclusive, em sua apresentação, publicada na revista *Critique* em 1967, a semioticista afirma que a intertextualidade aponta o texto como um “mosaico de citações”, ou seja, nenhum texto é original, pois estamos sempre compartilhando ideias e assumindo posições com base em referências de outros textos. Ao destacarmos a importância de se entender os vários intertextos responsáveis pela criação de sentido em gêneros multissemióticos, estamos revelando detalhes importantes de determinados acontecimentos.

Barros (1994, p. 3) afirma que “a persuasão e a interpretação envolvem sistemas de valores, do enunciador e do enunciatário, que, como afirma Bakhtin, participam da construção dialógica do sentido”. Nos gêneros explorados neste artigo (notícia, fotografia e charge) essa concepção é extremamente utilizada, pelo seu caráter informativo, crítico e questionador.

¹⁶⁷Desejo em linguagem: uma abordagem semiótica da literatura e da arte.

Devemos entender os referidos gêneros como um mecanismo de denúncia, de exposição de fatos e de crítica, mas devemos também levar em consideração nossos valores e os valores do enunciador para tentarmos construir o sentido dialógico do assunto de forma que prevaleça a racionalidade.

De acordo com algumas reflexões de Bakhtin sobre o pensamento, a consciência individual é construída a partir da interação, por isso o universo cultural também terá grande influência para essa construção, pois, dialogicamente, através da elaboração de textos e fazendo-se ouvir em diferentes contextos semióticos, a comunicação certamente proporcionará aos interlocutores a estruturação de relações que confirmarão ou questionarão o já dito e possibilitarão acrescentar o ainda não dito, pois trata-se de um conjunto de fatores que constrói a cultura e a história social como um grande e infinito diálogo.

Segundo Fiorin (2008, p. 52), a abordagem que Bakhtin faz sobre o conceito de enunciado e de texto apresenta-nos, em relação ao primeiro termo, uma “posição assumida por um enunciador”. O texto é, portanto, “a manifestação do enunciado, dotada de materialidade”. O enunciado é responsável pelo sentido, e o texto é o domínio dessa manifestação. Como o enunciado não se manifesta apenas verbalmente, o texto é todo conjunto de signos (verbal ou não verbal) que se apresenta de forma coerente. Essa explicação sobre enunciado nos releva que existem relações dialógicas¹⁶⁸ entre enunciados e entre textos. Confirmamos, portanto, que a intertextualidade embasada nas teorias de Bakhtin e trabalhada neste artigo são relações dialógicas materializadas em textos.

Por concordar com as ideias de Bakhtin, exploramos aqui a intertextualidade a partir da perspectiva de que esta ocasiona uma interdiscursividade; contudo, queremos explicitar que nem toda interdiscursividade implicará uma intertextualidade, visto que nem todo texto mostra o discurso do outro. Para nós, está claro que quando há relações dialógicas entre textos caracterizamos como intertextualidade, esta ocorre por meio de uma interdiscursividade. Quando há relações dentro do texto, por exemplo, se o texto não mostra, no seu fio, o discurso do outro, estabelece apenas uma interdiscursividade. A esse respeito, Fiorin (2008, p. 52) afirma que:

Intertextualidade deveria ser a denominação de um tipo composicional de dialogismo: aquele em que há no interior do texto o encontro de duas materialidades linguísticas, de dois textos. Para que isso ocorra, é preciso que um texto tenha existência independente do texto com que ele dialoga.

168 Termo criado pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin

A intertextualidade é uma característica inerente a todos os gêneros que lemos, escrevemos, falamos, ouvimos, expressamos; isso ocorre porque as diferentes representações genéricas apresentam um material heterogêneo que estabelece relação com outros textos, com os quais dialoga, opondo-se ou apoiando-se, concordando ou discordando.

Analisar a leitura de gêneros multissemióticos (produzidos em mais de uma semiose, por exemplo, palavras, desenhos, cores, fotos) implica ver a linguagem em seu aspecto discursivo, e o sentido, nessa abordagem, abrange o uso da língua em diferentes situações sociocomunicativas, ou seja, é a partir da relação entre locutor e interlocutor, da relação entre os signos presentes no texto e conhecimentos de ordens diversas que interagem intertextualmente com o texto que chegamos ao sentido que queremos dar ao discurso. Nessa perspectiva, a associação da linguagem verbal com a não-verbal é uma excelente forma de explorar a interpretação do leitor, de incitá-lo a construir relações dialógicas entre um texto com outros textos e de estimulá-lo a fazer uma reflexão sobre o assunto a ser abordado.

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

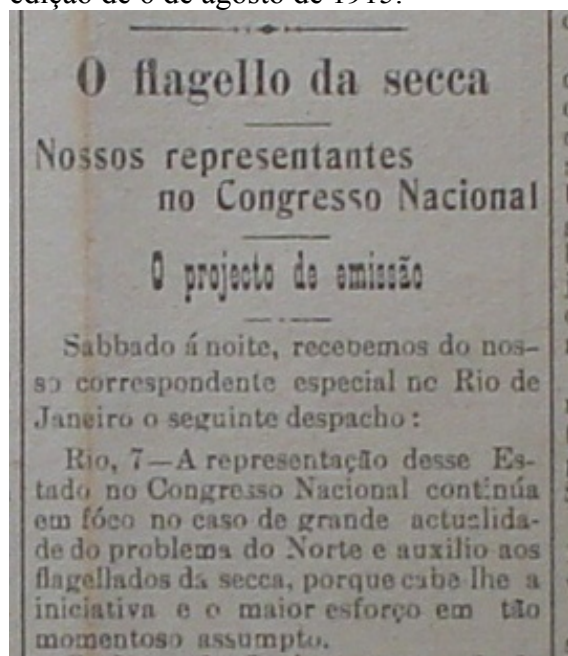
Como afirmou Bronckart (1999, p.103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que permite afirmar que há inúmeros gêneros textuais que operam em diferentes contextos como forma de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhe dão sustentação. Nestes termos, é possível dialogar com textos de gêneros diversos para falar sobre este assunto, que é polêmico e causa consequências trágicas, principalmente para o povo do sertão que, por diversas vezes perdeu tudo o que tem. Nestes cem anos, a contar a partir da seca de 1915, tem-se observado que o cenário não mudou muito e que muitas promessas feitas ao povo do sertão não foram cumpridas, e essa situação polêmica parece não ser um assunto prioritário para os detentores do poder, pois inúmeras vezes ouviram-se promessas de acabar com a seca, mas, lamentavelmente, a cada ano, novos registros de ocorrência dessa calamidade fazem novas vítimas.

Nossa proposta, portanto, é dialogar com seis textos construídos na perspectiva de três gêneros textuais (notícia, fotografia e charge), cujo teor funciona, ao mesmo tempo, como registro de fatos e instrumento de denúncia, podendo, inclusive, manifestar pontos de vista a respeito desse nefasto fenômeno e, sobretudo, o que ele tem causado às suas vítimas.

Esperamos, com essa estratégia, convidar o leitor para refletir sobre a forma como tal problema vem sendo conduzido pelos políticos brasileiros. Se esse é um problema que ultrapassa séculos, já houve tempo suficiente para tentar bani-lo do sertão nordestino e das grandes cidades. Não podemos aceitar que em pleno século XXI ainda haja pessoas morrendo pelo agravamento de consequências das mazelas ocasionadas pela seca.

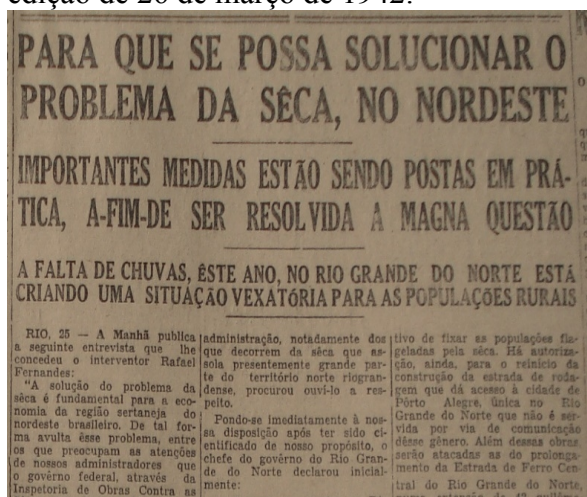
Vejamos os textos abaixo:

Imagem 1- Jornal natalense A República, edição de 6 de agosto de 1915.



<http://tokdehistoria.com.br/2012/12/05/seca-no-nordeste-por-que-somos-tao-pobres/dsc00119/>

Imagem 2- Jornal do Comércio, de Recife, edição de 26 de março de 1942.



<http://tokdehistoria.com.br/2012/12/05/seca-no-nordeste-por-que-somos-tao-pobres/imagem-693/>

Imagem 3 – Museu de Imagens – fotografia das vítimas da seca de 1932. Crianças e adultos jazem ao lado da linha férrea que levava para o Campo de concentração de Senador Pompeu. De forma assustadoramente parecida, as cenas brasileiras dos currais humanos lembravam bastante os campos de concentração nazistas.

Imagem 4 – Jornal A Notícia, fotografia da maior seca dos últimos 60 anos, sertão castigado e destruição da economia rural no Nordeste (abril de 2013)



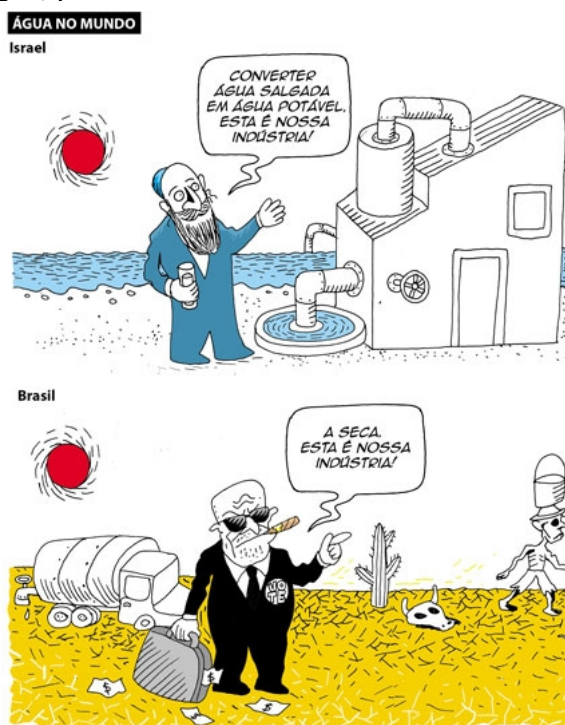
<http://jornalanoticia.com/portal/a-maior-seca-dos-ultimos-60-anos-destroi-economia-rural->



<http://www.museudeimagens.com.br/grande-seca-do-nordeste/>

[no-nordeste/](#)

Imagem 5 – Jornal A Tarde, charge sobre água, publicada em 26 de abril de 2012.



<http://oferrao.atarde.uol.com.br/?m=201204>

Imagem 6 – Blog Metamorfozes Históricas, charge sobre seca, publicada em 09 de novembro de 2012.



<http://metamorforeshistoricas.blogspot.com.br/2012/11/combate-seca-do-nordeste-e-as-promessas.html>

ANÁLISE DO CORPUS

Tomando como exemplo as duas notícias apresentadas nas imagens 1 e 2, percebe-se que na notícia 1, a matéria remete à gravidade da seca e à necessidade de ajudar os flagelados que dela são vítimas. Observa-se no corpo da notícia que esse assunto estava sendo discutido em 1915 no Congresso Nacional. De lá para cá o problema ainda persiste, mesmo sendo uma

calamidade. O que teria acontecido após a discussão do referido ano? Lamentavelmente, a população vitimizada não obteve essa resposta.

Na notícia 2, publicada em 1942, nota-se que a seca permanece fazendo vítimas. Embora a notícia informe que, naquela época, importantes medidas estavam sendo postas em prática para solucionar este problema, isso não foi suficiente para resolvê-lo. Será que essas medidas sequer chegaram a ser postas em prática, que medidas foram essas? O certo é que tanto em 1915 quanto em 1942 a situação agravou-se e chegou a consequências extremas de miséria social, muitos sertanejos deixaram o pouco que tinham e foram obrigados a migrar para outras regiões em busca de melhores condições de vida.

As imagens 3 e 4, duas fotografias, feitas em 1932 e em 2013, respectivamente, funcionam como instrumento de registro e de denúncia acerca das últimas consequências as quais chegaram as vítimas do alheamento político em relação ao período de estiagem. A morte nos currais (de pessoas e de animais) se deu depois de um longo período de resistência e de espera por políticas públicas que pudessem amenizar tal sofrimento.

Nas imagens 5 e 6, o tom jocoso das charges apresenta críticas em tom de deboche. O texto da imagem 5 apresenta um diálogo e relações intertextuais com uma situação de seca vivida em Israel que era semelhante ou pior do que a brasileira, com um diferencial apenas: lá o governo conseguiu uma solução para o problema dessalinizando a água salgada. Esta comparação induz o leitor a refletir sobre o real empenho dos governantes brasileiros para reverter o problema aqui no nosso país.

O texto presente na imagem 6 também dialoga com outro texto, ou seja, há relações intertextuais que ironizam as promessas da presidente Dilma, uma vez que uma promessa semelhante havia sido feita por D. Pedro II em 1877, quando o então imperador do Brasil prometeu vender até a última joia da Coroa para amenizar o problema. Pelo visto ele não vendeu a referida joia, e, mesmo tendo ficado comovido com o sofrimento do sertanejo, acabou deixando tudo como estava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para amenizar o problema da seca, o governo federal usa medidas paliativas à proporção que libera alguns recursos para manter os sertanejos vivos, mas o que se percebe é que esse problema se arrasta ao longo dos anos e nenhuma medida foi tomada para aniquilar

de vez essa situação. Os projetos que foram postos em prática nunca ficaram prontos e, dessa forma, o problema continua se repetindo, e os discursos dos políticos se fortalecem com base em promessas que até agora só confirmaram o gasto do dinheiro público em vão, visto que, ano após ano, enche-se o sertanejo de esperança e deixa-se de solucionar o problema. Infelizmente não se tem resposta para tão descaso, nada justifica um problema durar tanto tempo sem nenhuma solução, é revoltante e inadmissível que um fenômeno anunciado ainda no século XVI, tenha reincidido nos séculos seguintes e chegado ao século XXI sem solução. Isso leva à dedução de que há interesse por traz dessa tragédia, algum benefício deve existir para que essa situação se sustente até hoje, nada justifica a permanência desse sofrimento, pois a sociedade evoluiu, investiu em tecnologia e em equipamentos de última geração. O que, então, impede uma solução exitosa para anular os efeitos danosos da seca em nosso país? Por que não se consegue extinguir o problema? Falta planejar e pôr em prática políticas públicas adequadas para garantir que a seca deixe de ser o maior problema do sertão nordestino e deixe de maltratar a população brasileira por meio da escassez de água.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, J. **História das secas** (séculos XVII a XIX). Edição Fac-Similar, 1953. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 2003.
- BARROS, D. P. de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In BARROS, D. P. de. e FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**: Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. (Trad.) Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucutec, 1992.
- BAZERMAN, C. **Escrita, gênero e interação social**. (org.) Dionisio, A. P.; Hoffnagel, J. C. (Trad.) Hoffnagel, J. C. São Paulo: Cortez, 2007.
- BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. (Trad.) Machado, A. R.; Cunha, P. São Paulo: EDUC, 1999.
- CAPANEMA, G. Apontamentos sobre as secas no Ceará. In: ROSADO MAIA, J. V.-U. **Sétimo livro das secas**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1983. p.64-5. Disponível em: http://www.colecaomossoroense.org.br/acervo/setimo_livro_das_secas.pdf
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- GUERRA, O. A Batalha das Secas. In: ROSADO MAIA, J. V.-U, (org). **Memorial da Seca**.

XIV ECHE – ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
IV ENHIME – ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO
FORTALEZA – CE | 17 a 19 de Setembro de 2015 | ISSN XXXX XXXX

Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal/ESAM. Coleção Mossoroense, nº 163, 1981.

GUERRA, P. Açudes e irrigação. Vida sertaneja. In: Philippe Guerra & Theophilo Guerra. **Seccas contra a secca**. Rio Grande do Norte, reeditada na Coleção Mossoroense, v. XXIX [fac-simile], 1909.

MEDEIROS F. J.; SOUZA, I. A seca do Nordeste, um falso problema. A política de combate às secas antes e depois da SUDENE. Petrópolis, Editora Vozes, 1988.

VIEIRA, M.S de P. A leitura de textos multissemióticos: novos desafios para velhos problemas. **Anais do SIELP**. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

XAVIER, T. de M.S.B . Classificação e monitoração de períodos secos e chuvosos para o estado do Ceará. Fortaleza, Fórum de Debates FJ.R.P.C., 1985.

Sites:

<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/os-10-maiores-periodos-de-seca-no-brasil/>

<http://www.museudeimagens.com.br/grande-seca-do-nordeste/>)